

A Amadora «nasceu» há 51 anos

A vida de uma povoação, seja ela vila ou aldeia, possua ou não pergaminhos dos tempos da moirama, é sempre difícil de historiar nas acanhadas colunas de um jornal. Contudo, não quis deixar de corresponder ao amável convite que António de Jesus me dirigiu. Rapaz novo e habituado já às lides da imprensa, há uma dúzia de meses apenas na Amadora, criou-lhe um certo afecto, coisa que nestes tempos que vão correndo, muito vai escasseando. Pensou dar à Vila um jornal, como eu há anos também pensei. Certamente lhe surgiram muitos espinhos, muitas contrariedades e muita incompreensão, mas o seu «Notícias da Amadora» aqui está. Só tenho que felicitá-lo e desejar-lhe boa sorte para o seu empreendimento. Bem o merece! O «Notícias da Amadora» pode e deve merecer um digno acolhimento da parte do povo da Vila!

Aqui nasci, aqui passei a minha meninice e aqui tenho visto crescer os meus filhos. E, devo confessá-lo, que saudades tenho da Amadora das vivendas e das moradias, da velha Patinagem onde, pode dizer-se, a povoação nasceu e se fez gente, do familiar salão dos Recreios, dos festivais aeronáuticos, das festas e dos cortejos, de tudo isso enfim que já lá vai e que para a tumba foi juntamente com os verdadeiros amigos da Amadora que infelizmente a morte nos levou.

A Amadora nasceu há 51 anos! A maior parte da população, desta imensa população flutuante a que nos tivemos de habituar, desconhece esse facto. As «Bodas de Ouro» da nossa vila, que o ano passado se deviam ter comemorado condignamente, passaram despercebidas. Ficarão, porém, agora, a saber que a povoação onde habitam «nasceu» a 28 de Outubro de 1907, por força do decreto desta data, publicado no Diário do Governo de 4 de Novembro do mesmo ano, assinado por el-rei D. Carlos e pelo Presidente do Conselho de Ministros, determinando que «a povoação constituída pelos lugares de Porcalhota, Amadora e Venteira, da freguesia de Benfica, do concelho de Oeiras, fique tendo a denominação comum de Amadora».

Nada há a referir anteriormente a 1907? Há! A Amadora, ou melhor, o sítio da Amadora resumia-se à quinta do mesmo nome e a meia dúzia de modestas habitações situadas em frente da estação de caminho de ferro da Porcalhota. Lá em baixo, a certa distância da estação, ficava a povoação mais importante entre Benfica e o Palácio de Queluz. Era a Porcalhota, afamada pelos seus petiscos e principalmente pelo seu coelho à caçadora que ninguém cozinhava melhor que mestre Pedro dos Coelhos. De caleche ou de trem, de «Larmanjat» ou a cavalo, ia-se de Lisboa à Porcalhota propositadamente para saborear o apetitoso pitéu.



Grandes quintas, graciosas vivendas, jardins, pomares, longas fileiras de árvores a bordejar a estrada real, dotada de ótimos ares, possuindo no caminho da Falagueira uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Conceição da Lapa e orgulhosa do seu chafariz, com toda a pompa inaugurado a 29 de Outubro de 1850, assim era a Porcalhota do século XIX. Assistiu a 2 de Julho de 1873 à passagem do primeiro e atribulado «Larmanjat» da linha Lisboa-Sintra, fundou a 28 Julho de 1878 uma das primeiras sociedades filarmónicas do nosso país, a «Sociedade Filarmonica Recreio Artístico», viu inaugurada a 2 Abril de 1887 a nova linha férrea e a sua estação. A 11 de Novembro de 1895, ufana-se de nas suas redondezas se instalar uma pequena oficina que em meia duzia de anos se transformaria na mais importante fábrica de cintas e espartilhos e em 22 de Julho de 1905 criava a sua Associação dos Bombeiros Voluntários.

Os belos ares da povoação, na sua parte alta exposta ao vento por todos os lados, atraíram novos moradores. O pequeno lugarejo crescia e expandia-se para as bandas da Venteira. Surgiram pessoas de influência que criaram amizade ao sítio. Porque não fazer daquela aldeia uma graciosa e atraente povoação dos arredores de Lisboa?

Mercê desses dedicados habitantes, todos os obstáculos foram vencidos. A 28 de Outubro de 1907 como já referimos, a Amadora emancipava-se e, como boa filha que era, prometeu não esquecer a sua «mãe»: Porcalhota, como de facto nunca esqueceu. Ia começar a era de verdadeiro progresso de um povoação até aí adormecida.

No fatídico dia 1 de Fevereiro de 1908, poucas horas antes da trágica cena do Terreiro do Paço, procedeu-se à mudança do letreiro da estação de caminho de ferro de «Porcalhota» para «Amadora». 1909 foi o ano dos primeiros grandes festejos a que a Amadora assistiu. A 4 de Abril teve lugar a primeira «Festa da Árvore». Lindos carros alegóricos percorreram as ruas e dos membros da comissão organizadora nasceu a ideia da fundação da «Liga dos Melhoramentos da Amadora», cujos estatutos foram aprovados a 22 de Agosto de 1909.

Com a fundação da sua «Liga», a nova povoação enveredou pelos mais prometedores rumos. Os festejos sucederam-se, sempre no intuito de atrair novos moradores. Surgiu a 1 de Março de 1911 o primeiro animatógrafo da Amadora, criou-se a 28 de Junho de 1912 a estação Telégrafo-Postal e a 14 de Abril desse mesmo ano inauguraram-se com uma brilhante festa os «Recreios Desportivos da Amadora» que, dois anos mais tarde, a 17 de Agosto de 1914, ofereciam à Amadora o mais luxuoso salão de festas dos arredores da capital.

O ano anterior, 1913, caracterizou-se pelo início da propaganda da aviação na Amadora. E ao lembrar esse facto, não podemos deixar de lamentar que do salão dos Recreios tenha desaparecido o quadro com a fotografia e os restos da hélice do aparelho do aviador francês Sallés. Porém, os grandes festejos artísticos e culturais prosseguiram. A 13 de Abril de 1913 nova «Festa da Árvore e das Escolas» levou à Amadora milhares de pessoas e o Presidente da República, Dr. Manuel de Arriaga, inaugurou o «Bairro da Mina», nova zona para onde a povoação mais ainda se iria expandir.

Em 1916 o nome da Amadora voltou ao Diário do Governo. Pela lei n.º 513 de 17 de Abril desse ano criou-se a sua freguesia e extinguiu-se a antiga Liga dos Melhoramentos. Novo marco de relevante importância se assinalava na história da povoação.

O primeiro grande festival aéreo realizado a 19 de Março de 1917, a fundação da «Cooperativa Utilidade Doméstica» a 6 de Julho do mesmo ano, a inauguração do «Grupo de Esquadrilhas Aviação República» em Fevereiro de 1919, o aparecimento do primeiro jornal da Amadora, «A Venteira», a 15 de Dezembro de 1921, as primeiras ventilações para a criação do concelho da Amadora e para o prolongamento dos eléctricos

de Benfica, o I Certame da Aviação em 8 de Julho de 1928, a inauguração do Cemitério e das carreiras de camionetas entre Benfica e a Amadora em 1929 e finalmente o início dos animados bailes no ringue de patinagem dos Recreios e um ano mais tarde a inauguração do cinema sonoro, caracterizaram a rápida evolução da povoação nos anos que se seguiram à criação da sua freguesia.

Entretanto, a Amadora ligava-se intimamente à história da aviação portuguesa. Do seu campo de aviação partiram os valorosos aviadores para as arrojadas viagens aéreas a África e ao Oriente e a 4 de Novembro de 1934 teve lugar no Grupo da Esquadrilhas de Aviação República o último grande festival aéreo realizado em Portugal, justíssima homenagem à memória de Plácido de Abreu.

Em 1936, com a conclusão do desvio sob a linha férrea, solucionou-se o problema da passagem de nível, para em 1937, a 27 de Junho, a Amadora vestir as suas melhores (e infelizmente últimas) galas, ao inaugurar o novo Parque, ao qual mais tarde, muito justamente, foi dado o nome de Delfim Guimarães, cerimónia esta que teve a honrosa presença do Presidente da República, Marechal Carmona.

Nos 20 anos que se seguiram, se por um lado a vila cresceu e a sua população aumentou, por outro lado a Amadora decaiu. Os grandes amigos que a engrandeceram e lhe deram nome foram-se perdendo. Com eles, com esses obreiros do progresso da vila, desapareceram todos os traços característicos da Amadora. Assinala-se ainda, a 26 de Maio de 1940, a inauguração do novo Mercado, vimos nascer a 26 de Janeiro de 1942 a Associação Académica e, como já em 1938 vimos a aviação portuguesa deixar a Amadora, poucos anos mais tarde, com geral desagrado e mesmo com sentido pesar e gratas recordações, assistimos ao abandono do ringue de patinagem dos Recreios e posteriormente à sua selvática destruição.

A Amadora é hoje uma vila mais populosa que muitas cidades, não pára de crescer e de se encher de prédios estilo Areeiro e Alvalade. As antigas moradias e as antigas tradições são sacrificadas sem dó nem piedade. Os filhos daqueles que a idealizaram e as ergueram com tanto carinho já pouco se interessam por essas ninharias e muito menos pela Amadora. É o progresso! É a lei da vida!

Ao resumir nestas breves linhas a história da terra onde nasci, não quero, porém, terminar, sem fazer referência aos dignos obreiros do seu desenvolvimento: José dos Santos Matos, António Correia, António Cardoso Lopes, Delfim Guimarães, Mestre Roque Gameiro, Dr. José Pontes, Dr. Azevedo Neves, Inocêncio Madeira, Aprígio Gomes, Eduardo Gomes, Narciso Leal, Aleixo Ribeiro, Raúl de Campos Palermo, Jorge Otolini, Joaquim Macedo e Brito, Américo Loreto, Major Cândido Pinheiro e tantos outros que de momento não ocorrem, fizeram de uma ignorada povoação uma das mais atraentes, mais progressivas e mais animadas vilas dos arredores de Lisboa. No 51.º aniversário da Amadora, que dentro de três dias se regista, saudemos os seus feitos! Trabalharam por um ideal. Honra lhes seja feita!